

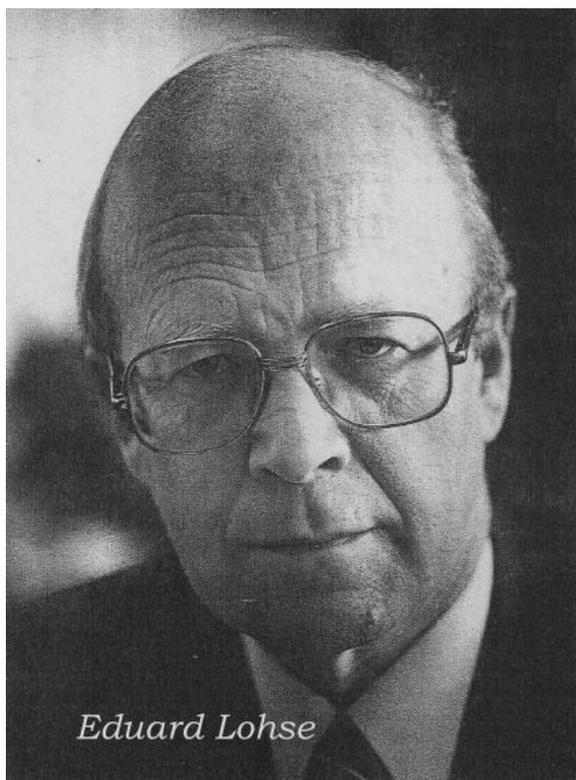


## **Compartilhar 48**

### **Resenhas em livros de Teologia Bíblica**

Julio Cesar de Macedo Fontana\*

LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, trad. Hans Jörg Witter. São Paulo: Paulinas, 2000 – Coleção: Bíblia e História, 302 pp.



*Eduard Lohse*

A teologia bíblica é a disciplina que estrutura a mensagem dos livros da Bíblia em seu ambiente formativo histórico. Utilizando-se da sua experiência como biblista, Lohse elabora um livro onde ele esboça todo o contexto envolvido na origem e formação do cristianismo. Essa obra de Lohse vem mostrar aquilo que muitas vezes não consta no corpo do texto bíblico: o contexto. Sem “o contexto”, as palavras podem tomar rumos diferentes daqueles almejados pelos autores neotestamentários. Eles escreveram para leitores de um tempo muito diferente do nosso.

Eduard Lohse nasceu em Hamburgo, Alemanha, em 1924. De 1956 a 1971 trabalhou como professor do Novo Testamento em Kiel e na Universidade de Gotinga. Em 1971 foi nomeado bispo da Igreja luterana de Hanover. Atualmente leciona como professor-convidado em diversas universidades da Europa e nos Estados

Unidos. Lohse é um dos biblistas mais renomados de uma época e lugar tão fértil para o pensamento teológico que se destacar era uma tarefa árdua. A Alemanha no período do pós-guerra (2ª Guerra Mundial) foi o palco de insuperáveis teólogos, citando apenas alguns, como Rudolf Bultmann, Paul Tillich, Karl Barth, Ernst



Käsemann, Günther Bornkamm, Joachim Jeremias, Oscar Culmann, Dietrich Bonhoeffer, entre outros.

Lohse apresenta uma exposição clara e concisa de suas convicções, sendo sempre fundamentadas em criteriosa pesquisa histórica. Analisando todos os contextos (histórico, religioso, geográfico, político, econômico e social), ele coloca o seu leitor a par dos acontecimentos da época em que foram escritos os diversos livros bíblicos. A partir da análise contextual, o leitor adquire condição para notar os detalhes que até então estavam ocultos, sem sentido e complicados.

O teor da obra de Lohse é nada menos do que o próprio título revela: "Contexto e Ambiente do Novo Testamento". Como era de se esperar, o título reflete aquilo que a obra é como um todo. A partir de uma descrição minuciosa da história da Palestina e suas relações com outros povos, Lohse demonstra o que existe em torno de uma passagem bíblica. O livro é dividido em dois grandes blocos: o judaísmo no tempo do Novo Testamento e o ambiente helenístico-romano do Novo Testamento. O cristianismo surgiu dentre essas duas culturas: a judaica e a helênica. Nessa cultura helênica está inclusa a influência romana que não se concentrou na cultura, mas sim, na economia, na política e na infra-estrutura.

A primeira parte da obra de Lohse mostra tudo aquilo que aconteceu durante o período de mais de 400 anos que separa, na Bíblia, a última página do livro de Malaquias da primeira página do Evangelho segundo Mateus. Esse período é chamado de período intertestamentário e foi nessa fase que se desenvolveram os grupos religiosos do judaísmo, o desenvolvimento da apocalíptica e se reforçou a esperança messiânica. O livro de Lohse em sua primeira parte mostra também, como o judaísmo se desenvolveu no tempo desde o cativeiro babilônico até a revolta de Bar Kosba. Esse estudo é importante para compreendermos os fatores originadores do cristianismo, e que o mesmo não surgiu do nada, sendo na verdade, o resultado de uma série de eventos consecutivos e cumulativos que ocorreram na história. Essa consecução de eventos históricos que contribuíram para o surgimento do cristianismo e para a vinda de Cristo, Paulo chamou de "plenitude dos tempos". Lohse fez mais do que apenas analisar o contexto histórico, ele estuda também a essência filosófica dos grupos religiosos judaicos, traça uma linha desses grupos e suas cosmovisões até o desenvolvimento do cristianismo primitivo, ainda analisa minuciosamente essas correntes e suas influências no arcabouço doutrinário cristão. Terminando a primeira parte de sua obra, Lohse realiza uma dissecação da dinâmica social judaica. Mostra as instituições judaicas, suas festas e comemorações, a lei e a influência apocalíptica no modo de vida dos judeus. Faz ainda um breve relato de duas personalidades judaicas importantes para o início do cristianismo: Filo de Alexandria e Flávio Josefo.

Na segunda parte da obra, Lohse trata da situação política do império romano durante o século I d.C., dos movimentos religiosos e das correntes espirituais no mundo



helenístico-romano e do gnosticismo. A situação política do império romano durante o século I d.C. é importante para se obter uma compreensão precisa dos acontecimentos da Igreja cristã primitiva, bem com das perseguições sofridas pelos cristãos no decorrer dos governos de Nero e Domiciano. Na segunda parte, Lohse também descreve a situação dos movimentos religiosos e das correntes espirituais no mundo helenístico-romano e suas relações com o cristianismo. Seria inverossímil afirmar que outras religiões não influenciaram a recém formada religião cristã. Os indivíduos que iam deixando suas religiões para aderirem ao cristianismo, conseqüentemente, levavam os costumes da religião antiga para sua nova e os praticavam até receberem alguma instrução doutrinária. Finalizando a segunda parte de sua obra, Eduard Lohse discorre acerca do movimento gnóstico, que absolutamente, foi o maior fator influenciador do cristianismo nascituro. Lohse declara que "o gnosticismo não pode ser considerado exclusivamente como uma formação religiosa dentro da história da Igreja antiga, mas representa um movimento do mundo helenístico, amplamente ramificado".

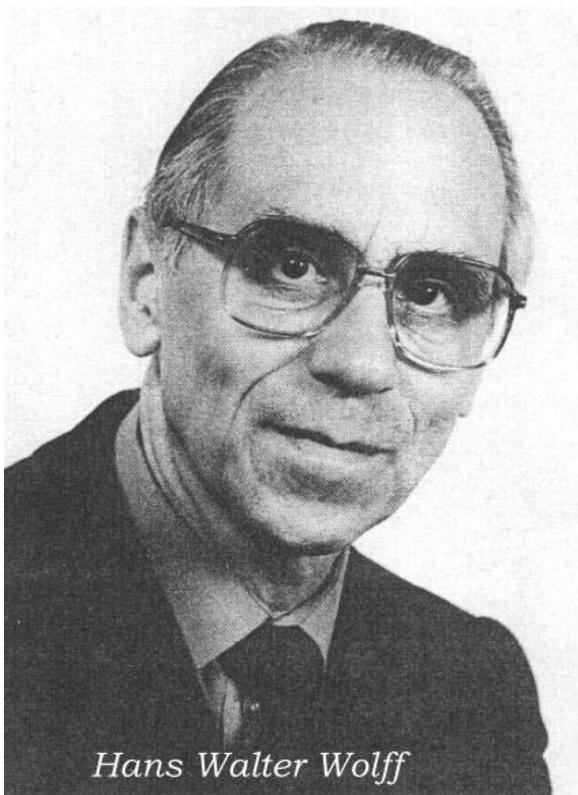
Concluindo, notamos a importância dessa obra do renomado biblista Eduard Lohse e ainda o quanto ela é fundamental para uma interpretação ortodoxa do texto bíblico do Novo Testamento. Todo e qualquer tipo de estudo neotestamentário deve ser iniciado após uma boa análise dos contextos que estão ao redor da questão.



WOLFF, Hans Walter. *Bíblia, Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*, trad. Dulcemar Silva Maciel. São Paulo: Editora Teológica, 2003, 224 pp.

Wolff abre sua obra mostrando a importância do Antigo Testamento. Declara o autor, que os relatos do Antigo Testamento podem ser encarados como relatos atuais e isso basta para fazer deles um tema teológico (p. 12). Observa também, que no cristianismo primitivo, o Antigo Testamento fora essencial. Paulo falava sobre a fé referindo-se a Abraão, Lucas estava convencido de que Jesus somente poderia ser reconhecido como Deus vivo com auxílio das Escrituras, em suma, o Antigo Testamento foi o tema maior da teologia cristã primitiva (p. 13). Quanto à forma metodológica, Wolff afirma que analisará o Antigo Testamento a partir de seus três grandes blocos, ou seja, o Pentateuco, os livros proféticos e os didáticos. Devido a essa metodologia ele dividiu o livro em três capítulos onde trata cada bloco na respectiva ordem.

Wolff nasceu em 1911, na cidade de Barmen [Wuppertal], Alemanha. Em 1942 concluiu o seu doutorado na Universidade de Halle com uma tese sobre a "Interpretação de



*Hans Walter Wolff*

Isaías 53 no Cristianismo Primitivo". O campo de suas pesquisas tem sido sempre os profetas. Foi professor nas Universidades de Mainz e de Heidelberg, onde ensinou até a sua aposentadoria. É considerado no mundo como um dos maiores especialistas do Antigo Testamento e pioneiro nos estudos de Antropologia do Antigo Testamento. Faleceu em 1993 em Heidelberg, Alemanha, aos 82 anos de idade.

Como já mencionamos, Wolff divide o seu livro conforme os três grandes blocos do cânon, organizados em três capítulos, onde serão abordados o Pentateuco (capítulo I), os livros proféticos (capítulo II) e os livros didáticos (capítulo III). Nessa primeira parte, convém destacarmos que, Wolff mostra como foi o desenrolar da batalha travada entre *Iahweh* e os outros "deuses". Essa batalha não é comparada aquelas habitualmente travadas em um Panteão (p. 21). "O Deus testemunhado por Israel tira o

mundo da ordem das divindades e preserva os homens de todas as épocas da divinização da realidade mundana" (p. 21). Afirma ainda Wolff que, os documentos



veterotestamentários “apresentam ações e processos nos quais se realizam a desmitização do mundo e a libertação do homem” (p. 21). Nesse primeiro capítulo, Wolff também descreve a história da transmissão oral e da redação dos escritos veterotestamentários (p. 33).

Os livros proféticos são abordados no segundo capítulo de sua obra. Como já vimos, essa é a especialidade do autor. Nota-se a empolgação com que ele examina a matéria. Ele diz: “O movimento profético é o fenômeno mais surpreendente de toda a história de Israel” (p. 73). Wolff nos traz uma visão crítica e esclarecedora sobre a pessoa do profeta. Ensina o autor que a própria pessoa do profeta é um sinal da atividade de *Iahweh* (p. 84), que não apenas a pessoa, mas também o comportamento do profeta esclarece a nova intervenção do *Iahweh* na vida de seu povo (p. 85) e que os profetas possuem como característica principal do seu ministério os seus pronunciamentos. Observa Wolff: “Os profetas nunca atuam sem falar, e seus pronunciamentos demandam nossa particular atenção. Ninguém mais, no antigo Israel, explorou a potencialidade da palavra como os profetas” (p. 86).

Na terceira e última parte de sua admirável obra, Hans Walter Wolff considera os livros didáticos. Os livros didáticos são: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos (p. 134). Wolff atribui maior importância ao Saltério (p. 121), pois explica ele, “é através de colóquio com *Iahweh* que o homem chega à razão” (p. 121). O autor ensina que as categorias mais comuns de salmos são os cantos de louvor e lamentação e que o primeiro é, sobretudo um eco da experiência dos feitos salvíficos de *Iahweh*, e o último exprime a esperança de que Deus venha até nós (p. 121, 122).

Wolff, nessa obra mostra uma capacidade pedagógica surpreendente, pois um tema tão complexo como o Antigo Testamento, nas suas explicações se torna manifesto até para leitores principiantes da Escritura Sagrada. Ao mesmo tempo em que ele elucida o Antigo Testamento ele desvela o Novo. Wolff para mostrar como é fundamental o Antigo Testamento cita Kal Barth, que diz:

*“A teologia sempre esteve ameaçada pela conservação dos ossos quando queria decurar este conhecimento e quando, em um espaço vazio, queria ser teologia orientada apenas para o Novo Testamento”.*



BORNKAMM, Günther. *Bíblia, Novo Testamento: introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo*, trad. João Rezende Costa. São Paulo: Editora Teológica, 2003, 192 pp.

A Lei foi entregue nas mãos de Moisés por Deus, portanto, para os judeus a *Torá* é de origem divina. Diferente é a origem do Novo Testamento. Este é o produto de uma história terrena e humana. Não caiu do céu como revelação (p.13). Em face dessa



origem, devemos analisar todas as dificuldades encontradas em seus escritos sob o prisma de ter sido eles alvos de progressivas seleções. O Novo Testamento, como conhecemos hoje, contendo 27 livros, nem sempre se apresentou assim. Livros que hoje são denominados apócrifos eram em determinada época "autorizados", ou seja, considerados como "sã doutrina". Houve um intenso processo seletivo de livros os quais estavam em circulação nos primeiros séculos do cristianismo. O que aconteceu? Qual é o elo que uniu esses 27 livros para que se tornassem representantes da doutrina apostólica? Na introdução de seu livro, Bornkamm, já suscita essas questões mostrando a dificuldade imposta pelos escritos neotestamentários aos estudantes da Bíblia.

Günther Bornkamm nasceu em 1905, na cidade de Görlitz, lecionou disciplinas relacionadas com o Novo Testamento de 1934 até 1937 nas Universidades de

Königsberg e Heidelberg, Alemanha. Sob o regime nacional-socialista, foi-lhe retirada em 1937 a permissão para lecionar. Após a guerra, atuou como professor do Novo Testamento na Universidade de Göttingen e por fim na Universidade de Heidelberg. Faleceu em 1990 aos 85 anos de idade. Não precisamos salientar o quanto a teologia de Bornkamm foi profícua para o pensamento teológico atual. Bornkamm, aluno do maior expoente de estudos neotestamentários de todos os tempos, Rudolf Bultmann, assumiu a responsabilidade de representar essa escola, contudo, ele se destacou não por seguir os caminhos de seu professor, e sim, por abordar de forma independente a questão histórica do Novo Testamento<sup>ii</sup>.

*Bíblia, Novo Testamento* é um livro que introduz o estudante da Bíblia nos escritos neotestamentários. Como Bornkamm mesmo alerta no prefácio da obra, não se deve



esperar de uma introdução uma visão global e exaustiva dos conteúdos de todos os livros do Novo Testamento. Ele declara que a intenção da obra é dar uma impressão ao leitor das diversidades de idéias e conceitos existentes dentre os escritos neotestamentários. Entretanto, admite Bornkamm, que deu atenção especial aos Evangelhos Sinóticos e as cartas paulinas. Adotando certo rigor científico, contudo, não deixando de ser sucinto nas suas explicações, Bornkamm enfrenta as dificuldades das autorias, das datações, do *sitz im leben*, das fontes e da mensagem de cada livro neotestamentário. Discute também o problema do cânon, do texto "Q", da tradição oral e da autenticidade dos escritos que compõem o Novo Testamento.

O livro é dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata de mostrar o escopo da mensagem de Jesus. Segundo Bornkamm, pode-se resumir o tema da proclamação de Jesus em um único conceito: o Reino de Deus. Esse para Jesus, ensina o autor, "é tanto a vinda de Deus para salvar o mundo como a vida terrena presente do homem enquanto vista à luz da proximidade libertadora de Deus" (p. 20). Nessa primeira parte, Bornkamm, também reflete acerca da historicidade dos Evangelhos, analisa a pesquisa em torno do Jesus Histórico durante os últimos séculos e distingue os significados dos termos "evangelho" e "Evangelho".

O segundo capítulo aborda todo tema relativo aos Evangelhos Sinóticos. Bornkamm descreve a teoria das duas fontes, a primazia do Evangelho de Marcos, a tradição oral e os temas de cada um dos Sinóticos. A teoria das duas fontes, explica ele, admite que Mateus e Lucas basearam-se em duas fontes: Marcos e "Q". O "Q" consiste quase inteiramente em "ditos do Senhor" (p.36), não possui existência física e não se assemelha ao Evangelho de Marcos (p.38). Para Bornkamm, Marcos e "Q" não exaurem as fontes da tradição sinótica, havendo também a tradição oral. Muitos especialistas não dão importância à tradição oral, pois para nós ocidentais, a forma oral é muito descredibilizada, no entanto, no oriente, e mais intensamente naquela época, a forma oral possuía talvez mais autoridade do que a forma escrita. Observamos que até a elaboração da *Mishná*, no século III, os judeus seguiam a tradição oral, a *Halaká* gozava da mesma autoridade do que a *Torá*. Finalizando o segundo capítulo, Bornkamm, analisa minuciosamente, as características de cada um dos Sinóticos.

A terceira parte do livro traz um texto contendo informações claras e precisas acerca da vida de Paulo, do seu ministério e sua teologia. Bornkamm faz mais do que isso nessa terceira parte. Destaca-se na análise histórica muito bem pesquisada e elaborada. Revela a importância da estrutura literária das epístolas paulinas. O que mais impressiona é sua pesquisa do acontecimento de Damasco, da conversão de Paulo e do Concílio de Jerusalém. Ele explica o que motivou a perseguição dos cristãos pelos judeus. No início, explica Bornkamm, os cristãos em nada ameaçavam o judaísmo, eles observavam a Lei e suas prescrições. A única coisa que os distinguia de outros judeus era sua crença de que, depois de sua morte na cruz, Jesus tinha ressuscitado e retornaria em breve como Messias. Isto, para os judeus, na pior das hipóteses, era uma ilusão estranha, mas com certeza não causa para levar os cristãos



aos tribunais ou expulsá-los da comunidade (p. 95). Entretanto, após o desenvolvimento de tendências radicais judaico-helenistas sob a liderança de Estevão, o cristianismo passou a ser uma ameaça intolerável aos fundamentos da religião judaica. Essa terceira parte trata de inúmeras outras matérias, porém, em virtude do espaço limitado, não podemos nos estender pelo tema exposto pelo Dr. Bornkamm.

Encerrando a quarta parte de sua obra, Günther Bornkamm analisa os últimos escritos do Novo Testamento. O que mais chama a atenção do leitor é o fato de Bornkamm mostrar que o cristianismo do fim do século I era sem brilho em comparação com a época gloriosa de seus primeiros dias (p. 131). Esse fato influenciou no teor dos escritos tardios que em sua maioria abandonaram muitos dos temas paulinos e outros tomaram nova definição e terminologia. Mostra Bornkamm, que essa literatura do fim do século recebeu alguns traços apologéticos, pois era intenso o combate às falsas doutrinas e falsos mestres.

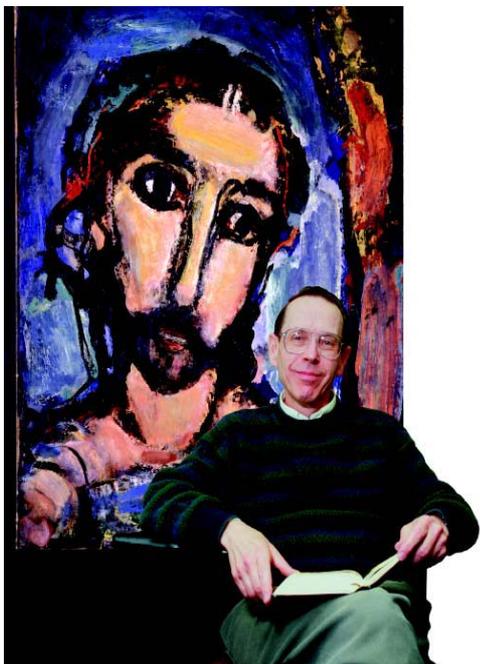
Essa obra de Günther Bornkamm é muito eficaz no que propõe que é facilitar ao moderno leitor chegar-se ao Novo Testamento. O autor mostra a riqueza de detalhes constantes nos escritos neotestamentários, sem, contudo, esquecer do tema central desses livros – Jesus Cristo e sua história interpretada como evento divino de significação última e decisiva (p. 159).



MEIER, John P.. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico, Vol 3, Livro 1, companheiros*, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, 304 pp.

John Paul Meier<sup>iii</sup> com seu estilo claro e cuidadoso, aborda a questão do Jesus Histórico de forma atual e equilibrada. Não comete os excessos de outros pesquisadores atuais. Os resultados obtidos pela pesquisa moderna são vistos sob a óptica dos Evangelhos, principal fonte, para Meier, da busca do Jesus Histórico. O volume três dessa grandiosa obra trata da relação de Jesus com os diversos grupos sociais contemporâneos a ele. Destaca o autor a importância dessa investigação em face de que "nenhum ser humano é adequadamente compreendido se for considerado isoladamente de outros seres humanos. Um ser humano só se torna totalmente humano se mantiver relacionamentos dinâmicos de amizade e amor, inimizade e ódio, controle, subordinação e colaboração com outros homens" (p. 12).

Como faz sempre, Meier utiliza no decorrer da pesquisa o que ele denomina de "regras do caminho". Sua metodologia consiste em cinco critérios: o critério do constrangimento, o critério da descontinuidade, o critério da múltipla confirmação, o critério da coerência e finalizando o critério da rejeição e da execução de Jesus (p. 19-23).



John Paul Meier no primeiro livro do volume três de sua obra apresenta um quadro analítico dos companheiros de Jesus. Meier divide os companheiros de Jesus em três círculos concêntricos, onde no círculo exterior ficavam as multidões, no círculo intermediário temos os discípulos e os mais próximos do centro (Jesus) são o círculo íntimo dos Doze. O mais interessante no resultado do estudo de Meier é que a partir dele começamos a observar o quanto é importante no ministério de Jesus o fato de ele ter seguidores. Uma das constatações do nosso autor indica que "é admissível que ele (Jesus) a princípio tenha atraído várias multidões eventuais, das quais começou a aliciar discípulos mais estáveis, dentre os quais, por sua vez, afinal selecionou um grupo razoavelmente permanente de doze seguidores" (p. 33 – parêntese

nosso). Essa é uma conclusão contrária àquela relatada pelos Evangelhos de Marcos e João.

Meier analisa a influência e a importância das multidões para o ministério público de Jesus. Primeiro ele mostra que historicamente existiu uma multidão que eventualmente se aglomerava ao redor de Jesus para serem curadas, para ouvir seus



discursos, ou até mesmo para obterem alimento. Observa ele que as massas representavam, para as autoridades do templo, o sucesso do ministério de Jesus e por isso sentiam-se ameaçados. Diz Meier que Jesus e "seu ministério de pregação e curas atraiu grandes multidões; essa capacidade de atrair multidões parece ter perdurado até seus últimos dias; paradoxalmente, é provável que seu sucesso tenha contribuído para sua prisão e execução pelas autoridades apreensivas" (p. 42 e 43).

O círculo intermediário era composto dos discípulos de Jesus. Como faz sempre o autor inicia mostrando a historicidade do grupo. Um resultado interessante da pesquisa realizada por Meier é que o discipulado é algo original de Jesus. Não havia no mundo contemporâneo nada parecido com os discípulos de Jesus. Outra observação curiosa que o autor faz é a peculiaridade do chamado ao discipulado. Ele relata que "o chamado peremptório de Jesus para que o seguissem ficava aberto não apenas geográfica, mas também temporalmente. Não estabelecia nenhum limite de tempo à obrigação de segui-lo. Não havia um programa de estudos que, uma vez completado, liberasse um discípulo do constante acompanhamento a Jesus. Tornar-se um de seus discípulos não era um compromisso temporário, após o qual a pessoa podia esperar ser promovida à igualdade com Jesus" (p. 69). Meier mostra toda a singularidade do discipulado analisando as passagens referentes ao custo do discipulado. Ele extrai toda a essência dessas passagens e as contextualiza apontando o impacto que elas devem ter causado nos discípulos. O Professor John Paul Meier ensina que "os custos imediatos de seguir Jesus fisicamente eram óbvios: deixar casa, família e trabalho. Mas, acima e além disso, Jesus aparentemente advertia seus discípulos que hostilidade e perigos poderia estar reservados a eles no futuro, assim como a ele próprio" (p. 70). Finalizando o capítulo central do livro, Meier, mostra o papel das mulheres no ministério de Jesus. Ele relata que "algumas seguidoras devotadas acompanhavam Jesus em suas viagens pela Galiléia e por fim o acompanharam até Jerusalém, e na verdade sustentavam-no e a seu grupo com seu próprio dinheiro, patrimônio ou alimentos" (p. 93).

No penúltimo capítulo do livro, o autor examina o grupo dos Doze. Comprova a existência histórica do grupo e diferencia os termos "apóstolo", "discípulo" e "Doze" quanto ao significado. O resultado principal derivado do estudo de Meier quanto ao grupo dos Doze é referente à sua natureza. O autor diz que ao vincular os Doze tão intimamente à sua pessoa e à missão, Jesus de fato fez desse grupo o exemplo vivo do que significava ser um discípulo. As três condições para o discipulado (receber um chamado peremptório de Jesus, segui-lo fisicamente e, desse modo, renunciar aos laços familiares normais e expor-se ao sofrimento) foram muito bem ilustradas por esse círculo íntimo de discípulos que Jesus escolheu para estar "com ele" enquanto empreendia suas diversas jornadas de pregação pela Palestina (p. 161 e 162). Outra intenção básica de Jesus ao criar os Doze parece ter tido um alcance mais amplo do que simplesmente proporcionar um exemplo permanente de discipulado, observa Meier. Sua intenção, ao que parece, correspondia ao cerne de sua proclamação a Israel: o advento do reino de Deus, que haveria de estabelecer seu domínio definitivo sobre um Israel restaurado (p. 162).



Finalizando o livro, Meier, aponta as características e peculiaridades de cada membro do grupo dos Doze, entretanto reconhece a restrição da pesquisa em face das poucas fontes existentes. Ele declara que “cada um dos membros dos Doze viveu no século I, cada um passou pelas fases normais de infância e idade adulta, cada um teve um encontro com Jesus que mudou sua vida e fez com que se tornasse primeiro um discípulo e depois um dos Doze, cada um viveu os efeitos da crucificação de Jesus e, após, a crença em sua ressurreição, cada um foi uma figura importante na igreja de Jerusalém no início da década de 30, cada um, em suma, teve uma vida memorável que seria fascinante conhecer hoje... Com excessão de muito pouco, as vidas dos Doze, por mais cheias e excitantes que possam ter sido no século I, se perderam para sempre para o nosso conhecimento” (p. 209 e 210). Portanto, esse capítulo fica mais restrito a descrição da vida de João e Pedro.

John Paul Meier, esse padre católico que é professor da cadeira de Novo Testamento na Universidade de Notre Dame em Indiana, por meio de uma pesquisa profunda e consciente examina todas as relações positivas as quais Jesus manteve durante o seu ministério. Meier coloca Jesus no seu contexto social e cultural, ou seja, no judaísmo. Em suma, é crítica histórica em seu mais alto nível.

---

\* O autor possui 25 anos é graduando em teologia, funcionário público, ex-aluno do Colégio Naval, ex-aluno da Escola Preparatória de Cadetes do Ar.

<sup>i</sup> LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, trad. Hans Jörg Witter. São Paulo: Paulinas, 2000 – Coleção: Bíblia e História, p.243.

<sup>ii</sup> Bultmann não aprofundou suas pesquisas no âmbito histórico, pois, cria que uma Teologia do Novo Testamento se iniciava no querigma.

<sup>iii</sup> John P. Meier é ex-professor de Novo Testamento no Departamento de Estudos Bíblicos da Universidade Católica da América do Norte, onde começou a lecionar em 1984. Atualmente é professor da cadeira de Novo Testamento na Universidade de Notre Dame em Indiana. É detentor de um doutorado em Escrituras Sagradas (1976) no Instituto Bíblico, em Roma, onde concluiu a pós-graduação com louvor máximo e recebeu a medalha papal de ouro. Ele havia recebido as mesmas homenagens em 1968, quando concluiu o programa de teologia da Universidade Gregoriana. Ele é ex-presidente da *Catholic Biblical Association* (1990-91), autor de numerosos livros e amplamente publicado numa série de revistas e obras de pesquisa. Foi o editor do *Catholic Biblical Quarterly*.